



**O PRONOME PLENO NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO EM
CONSTRUÇÕES DE ODA:
UM POSSÍVEL PERCURSO DA MUDANÇA¹**

**FULL PRONOUN IN AFRO-BRAZILIAN PORTUGUESE
IN ADO CONSTRUCTION:
A POSSIBLE PATH OF CHANGE**

Lílian Teixeira de Sousa²
Cristina Figueiredo³

Resumo: Neste artigo, discutimos a possibilidade de a aquisição do pronome pleno (PP) no português por africanos como L2 ter sido resultado da seleção e competição de traços (MUFWENE, 2008; ABOH, 2015) durante o período de colonização do Brasil, devido ao multilinguismo ocorrido, principalmente entre o português e as línguas africanas do grupo Bantu. Propomos que os traços de concordância de pessoa e gênero, através do sistema de classificadores, nas línguas do grupo Bantu tenha sido o *input* para a seleção do PP na retomada de um DP com a seguinte combinação de traços [+animado, +humano], traços que também estão presentes na partícula anexada ao verbo dessas línguas. Para testar essa hipótese, foram analisados dados de quatro comunidades afro-brasileiras do estado da Bahia, que vivem em relativo isolamento: Helvécia, Arraiais de Rio de Contas, Cinzento e Sapé. Assume-se que o objeto nulo (ON) nas primeiras situações de contato tenha sido a estratégia eleita para retomada de um DP na posição de objeto direto em todos os contextos semânticos possíveis e que o PP tenha sido adquirido posteriormente durante as sucessivas situações de contato que se repetiam devido à constante chegada de navios negreiros durante os três primeiros séculos de colonização do Brasil, o que levou à aquisição do português como L2 em diversos momentos da história.

Palavras-chave: contato linguístico; objeto direto anafórico; percurso do pronome pleno.

Abstract: In this paper, we discuss the L2 acquisition of the full pronoun (FP) in Portuguese by Africans. We argue that the acquisition is the result of selection and competition of features (MUFWENE, 2008; ABOH, 2015) during the period of colonization in Brazil, due to the multilingualism mainly between Portuguese and the African languages of the Bantu group. We propose that the person and gender (through classifiers) agreement feature in the Bantu group languages have been the *input* for the selection of the FP in the resumption of a DP by the combination of the features [+animate, +human]. These features are also present in the particle attached to the verb of these languages. To test this hypothesis, we analyzed data from four Afro-Brazilian communities in the state of Bahia, which live in relative isolation: Helvécia, Arraiais de Rio de Contas, Cinzento and Sapé. It is assumed that the null object (NO) in the first contact situations has been the strategy chosen to resume a DP in the position of direct object in all possible semantic contexts. It is also presumed that the FP strategy has been acquired later during the successive situations of contact due to the constant arrival of slave ships during the first three centuries of colonization, which led to the acquisition of Portuguese as L2 at different times in history.

Keywords: language contact; anaphoric direct object; full pronoun course.

¹ Agradecemos aos pareceristas anônimos pelos comentários que contribuíram para a qualidade final do trabalho.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil. lilian.sousa@ufba.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9911-2587>

³ Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil. macrisfi@ufba.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0665-9597>

1. INTRODUÇÃO

A retomada de um DP de terceira pessoa na posição de objeto direto, um fenômeno conhecido como objeto direto anafórico (ODA), tem sido alvo de muitas pesquisas voltadas para a descrição do Português Brasileiro (PB). Isso porque, diferentemente do Português Europeu (PE), em que a retomada se dá principalmente através do clítico acusativo (CL), no PB falado as formas mais recorrentes de retomada são o objeto nulo (ON), um DP anafórico (DP) e o pronome pleno (PP), como nos exemplos a seguir, respectivamente:

- (1) Tinha **um lindo vestido** na vitrine, entrei na loja e comprei-**o**.
- (2) Tinha **um lindo vestido** na vitrine, entrei na loja e comprei__.
- (3) Tinha **um lindo vestido** na vitrine, entrei na loja e comprei **o vestido**.
- (4) Tinha **um lindo vestido** na vitrine, entrei na loja e comprei **ele**.

(FIGUEIREDO; TEIXEIRA DE SOUSA; LEÃO, 2022)

Figueiredo (2009), que realiza uma comparação entre o PB e o português rural europeu (PRE)⁴, confirma que a diferença entre essas duas variedades do português é a presença de CL no PRE e a presença do PP no português rural brasileiro, já que em ambas observa-se a existência de ON e a repetição de DP, porém o uso do ON no PE sofre restrições estruturais, não ocorrendo em contextos de ilha sintática⁵ (RAPOSO, 1986), e restrições referenciais, retomando apenas antecedentes com os traços [-animado, -específico] e antecedentes sentenciais (CYRINO, 1997). Como fator explicativo para tal distinção, para o Figueiredo (2004), assumindo que o contexto de multilinguismo existente, principalmente entre o português e as línguas africanas, durante os três primeiros séculos de colonização do Brasil, foi o fator que desencadeou o distanciamento entre o português do Brasil (PB) e o português europeu (PE). Diante disso, a autora propõe, de acordo com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV 1983), que, dentre as estratégias de retomada do objeto direto anafórico, o ON tenha sido a estratégia adquirida inicialmente, pelos africanos traficados neste período em todos os contextos linguísticos: retomando antecedente [\pm animado], [\pm específico] e em contextos de ilha sintática. De acordo com a autora, a retomada clítica não é adquirida pelos africanos que aprendem o português como L2. Verifica-se, nesse período, uma mudança que implica a perda dos CLs “o” e “a” e suas flexões e a ampliação dos contextos de uso do ON. De acordo com Figueiredo (2004), não se trata da substituição do CL pelo ON, mas de aquisição de uma ou de outra estratégia.

Quanto ao PP, a autora assume que sua aquisição é posterior substituindo o clítico acusativo, principalmente nos contextos, conforme propõe Duarte (1986), em que o clítico é estrutural e semanticamente ambíguo (construções complexas), ou seja, nas situações nas quais recebe do verbo antecedente o caso acusativo, mas o verbo subsequente na forma nominal lhe atribui papel temático de agente, caracterizando-o como sujeito. O uso do PP nesses contextos é licenciado seguindo um comportamento esperado para esse pronome, o papel de sujeito/agente, verificado em sentenças simples contendo uma *small clause* e em sentenças com complemento oracional com verbo no infinitivo.

⁴ Foram analisados os dados de seis comunidades rurais de Portugal, acervo do *Projeto Cordial Sin*: duas do norte, Vila Praia de Âncora (VPA) e Castro Laboreiro (CTL), duas da região central, Porto de Vacas (PVC) e Vila Pouca do Campo (VPC), e duas do Sul de Portugal Porches (PAL) e Luzianes (LUZ). http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin_corpus.php

⁵ Raposo (1986) considera ilhas para movimento as seguintes construções subordinadas: as relativas, as adverbiais e as completivas com função subjetiva e as completivas nominais.

Trabalhos realizados sobre o tema (OMENA, 1978; DUARTE, 1986; FIGUEIREDO, 2004; ARRUDA, 2006; MACEDO-COSTA, 2012; OTHERO; SCHWANKE, 2018; OTHERO et al., 2018, entre outros) têm demonstrado que a variante PP ainda é pouco frequente no PB, seja nos dialetos rurais, seja nos dialetos urbanos, porém essa variante é uma característica que, até mesmo fora dos meios acadêmicos, dá identidade ao PB⁶. Muitos pesquisadores têm buscado explicar a aquisição do PP nessa posição, considerando apenas contextos linguísticos. De acordo com Duarte (1986), entre outros pesquisadores, a animacidade do antecedente é o contexto favorecedor para a escolha dessa variante pelo falante. Cyrino (1993, 1997) propõe que, aliado à animacidade, o traço de especificidade é fundamental para a ocorrência do PP. Já em 2017, Cyrino acrescenta uma nova explicação para o uso do PP na função de objeto no PB. Poderia estar relacionado ao fenômeno conhecido como Marcação Diferencial do Objeto (*Differential Object Marking* -DOM). De acordo com Cyrino (2017:84), “é um fenômeno que ocorre em algumas línguas quando objetos com certos traços ([+animado]; [+específico]) recebem uma marca morfológica especial”. No PB, esse fenômeno corresponde ao que as gramáticas descritivas e normativas chamam a opcionalidade de o objeto direto ser preposicionado (amar a Deus, trair ao filho), um fenômeno que ocorre diante de um DP [+animado], registrado, principalmente, diante de nomes próprios e pronomes de tratamento por Ramos (1992) no português dos séculos XVI ao XIX, quando sua frequência diminuiu significativamente devido às mudanças ocorridas no português após a sua aquisição no Brasil.

Creus e Menuzzi (2004), para explicar o uso do PP como ODA, consideraram também os traços [+animado] e [+específico] do antecedente. Para esses autores, “destes dois traços, o que tem papel central é o de animacidade, já que é ele que configura as generalizações básicas do sistema” (CREUS & MENUZZI, 2004, p. 160). Os autores acrescentam à discussão a distinção de gênero semântico (GS) que só antecedentes com traço [+animado] podem expressar. De acordo com os autores, essa propriedade dos referentes é que estaria na base da escolha da estratégia de retomada, reduzindo a escolha do ON/PP a uma oposição única, a saber a presença de gênero semântico no antecedente. De acordo com os autores, se o antecedente [+animado] não expressa gênero semântico (*um paciente*, por exemplo), é o ON que o retoma, mas, se o antecedente expressa gênero semântico (*um menino*, por exemplo), então, a retomada é feita pelo PP. (CREUS & MENUZZI, 2004, p. 160-162).

Para além dos condicionantes semânticos, refletindo sobre os efeitos do contato com algumas línguas africanas do grupo banto que vieram para o Brasil no período de colonização, passamos a considerar que mudanças posteriores ao(s) primeiro(s)⁷ contato(s) linguístico(s), como é o caso do PP como ODA, poderiam ser consequência de mudanças anteriores.

Uma questão que nos chama a atenção em relação aos fatores condicionantes do fenômeno descritos acima é que, embora no português a concordância de gênero só ocorra no sintagma nominal, a marca de gênero está presente também nos pronomes de 3ª pessoa, *ele* e suas formas flexionadas. Considerando o papel do contato e o percurso da mudança defendido por Figueiredo (2004), aventamos a hipótese de que o traço de animacidade, e talvez até a interpretação de gênero semântico, tenha se tornado relevante a partir do

⁶ Nas plataformas de *streams*, ao selecionar uma legenda do português brasileiro, uma das características dessa variedade é o uso do *ele* na posição de objeto direto distinguindo-o do PE.

⁷ Na formação do PB, deve se considerar múltiplas situações de contato tendo em vista que o tráfico de africanos se prolongou por três séculos (XVI a XIX), portanto a cada nova chegada de um navio negreiro, uma situação de multilinguismo se estabelecia (LUCCHESI, 2000).

contato e devido a características específicas das línguas do grupo Banto, a saber o padrão de concordância.

Uma característica marcante das línguas do grupo Banto é que, diferentemente de línguas como o português, a concordância de gênero, como em (5), não distingue gênero semântico, mas se dá a partir de um sistema de classificadores que se espalha do sintagma nominal ao verbal. Com isso, a concordância pode ocorrer tanto a partir de marcas de pessoa, como em (6), que também ocorre no português, como a partir da classe nominal da palavra.

- | | | | | | |
|-----|-----|--------------------|----------------------|-----|-------------------------|
| (5) | O | mu -tu | u -ngi-zol-a | (6) | ng -a-sonék-a |
| | AUG | 1-pessoa | 1.MS-1sgMO-amar-IPFV | | 1ps.MS-PST-escrever-PFV |
| | | 'A pessoa me ama.' | | | 'Eu escrevi.' |

(CHATELAIN, 1888-89, p. 44 e 95)

Nesse sistema, a concordância de pessoa ocorre sempre em relação ao pronome pessoal, massivamente humano, enquanto outros tipos de sujeito são retomados por elementos que indicam não a pessoa, mas a classe a que pertencem. Assim, enquanto em português a concordância de 3ª pessoa pode ocorrer com qualquer tipo semântico de sujeito (animado, inanimado, etc), nas línguas Banto, esses elementos apresentam concordância de gênero, a partir do prefixo de classe. Por esse motivo, nos parece correto pensar que a relevância desse traço tenha origem no contato, em que falantes de segunda língua tenham “elegido” a forma nula como a principal forma de retomada de referentes inanimados enquanto as formas pronominais tenham se “confundido” com o traço de animacidade. Para testar essa hipótese, avaliamos que traços semânticos os referentes de PPs em contexto de objeto direto anafórico apresentavam no português afro-brasileiro na perspectiva do tempo aparente, e apresentamos uma proposta para o percurso da mudança a partir da abordagem das gramáticas híbridas (ABOH, 2015).

2. O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO

Tendo em vista a hipótese de que o contato entre o português e as línguas africanas interferiram significativamente no PB, distanciando-o do PE, é relevante que os dados analisados mantenham vestígios linguísticos dessa situação. Para tanto, foram analisados os dados de comunidades afro-brasileiras do Estado da Bahia, que vivem em relativo isolamento. Os dados constituem parte da pesquisa de Figueiredo (2004) e fazem parte do acervo do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*⁸, idealizado pelo pesquisador Dante Lucchesi e cujo objetivo é explicar que as peculiaridades do PB são oriundas do contato entre línguas ocorrido no Brasil durante o seu período de colonização. A partir desse objetivo, na primeira etapa do Projeto, foi constituído um acervo com amostras de fala de comunidades rurais afro-descendentes do Estado da Bahia que viviam em relativo isolamento. As amostras foram coletadas no período de 1994 a 2002 e muitos trabalhos acadêmicos foram desenvolvidos a partir desse *corpus*, incluindo o livro *Português afro-brasileiro*, publicado em 2009, organizado por Dante Lucchesi, Alan Baxter e Ilza Ribeiro e que registra a análise de diversos fenômenos linguísticos.

Quatro são as comunidades que constituem o *corpus* do português afro-brasileiro. São elas: Helvécia, Arraiais de Rio de Contas, Cinzento e Sapé. As comunidades foram selecionadas considerando sua composição étnica no período de formação, ter reunido

⁸ (vertentes.ufba.br) Coordenado atualmente pelos professores Dante Lucchesi e Gredson dos Santos.

negros escravizados ou libertos, seja na constituição de quilombos, onde se refugiavam os negros fugitivos, seja em terras ‘doadas’ a negros após a sua libertação como forma de pagamento, ou na posse da terra por ex-escravizados após a decadência dos engenhos e consequente abandono de seus proprietários.

Helvécia situa-se no extremo sul do Estado da Bahia, no Município de Nova Viçosa, e originou-se após o declínio econômico da Colônia Leopoldina, fundada em 1818 por colonos suíços, franceses e alemães e prosperou até 1988, quando oficialmente os negros foram libertos, perdendo a força da mão de obra escrava. Com o declínio da Colônia e consequente abandono pelos europeus, alguns afro-descendentes permaneceram na região em torno da estação ferroviária Bahia-Minas e, para sobreviver, passaram a praticar agricultura de subsistência.

Os africanos que chegavam à colônia eram de origem distinta, como registram Baxter & Lucchesi (1999, p. 131, *apud* Lucchesi 2002, p. 82), mas eram em sua maioria falantes de línguas dos grupos Banto e, em algumas fazendas, do grupo Kwa. De acordo com os autores, a quantidade de suíços, alemães, principalmente franceses e brasileiros na Colônia não era significativa, representava 10% da população. Os 90% restantes eram compostos por: 50% de africanos e 40% de afro-brasileiros. Dentre as quatro comunidades, de acordo com Lucchesi (2000) e Lucchesi et al (2009), Helvécia é a que reúne maior evidência linguística da interferência do contato na formação do PB.

Os Arraiais de Rio de Contas são formados por duas localidades afro-brasileiras que viviam, na época da coleta dos dados, em relativo isolamento - Barra e Bananal – localizadas no município de Rio de Contas na Chapada Diamantina e separadas por apenas dois quilômetros. Fundadas no século XVII, no mesmo período que o Município, essas duas localidades foram formadas possivelmente por africanos escravizados sobreviventes de um naufrágio, que ocorreu na mesma época, e por negros foragidos de outros locais que seguiram ao longo das margens do Rio de Contas até se fixarem nessas localidades.

A comunidade de **Cinzento**, localizada no Município de Planalto, próximo à Vitória da Conquista, tem sua formação estimada na primeira metade do século XIX, por volta de 1810 a 1860, quando se estabeleceram os primeiros negros foragidos nesse local tão acidentado e sem fontes de águas naturais para sobrevivência, praticando agricultura de subsistência conforme apontam Lucchesi et al (2009) e Silva (2003). Seu terreno acidentado dificulta o acesso e preserva o isolamento de seus membros. Vale salientar que a agricultura de subsistência e a endogamia são comuns a todas as comunidades visitadas.

Figueiredo (2004) denominou a quarta comunidade de **Sapé**, pois, na época da coleta dos dados, seus habitantes não apresentavam uma única denominação para a região: *Sapé Grande*, *Sapé Alto*. Localiza-se em um Distrito do Município de Valença, na região do Recôncavo Baiano. De acordo com os moradores, formou-se alguns anos após a assinatura da Lei Áurea. Um fazendeiro local relatou que, em 1800, as terras que compreendiam Sapé, Rapa Tição e Tabuado pertenciam a um único dono e, com a sua morte, as terras foram divididas entre seus dois filhos, fazendeiros que não gozavam de boa situação econômica. Como foi comum em muitas fazendas brasileiras, após o fim oficial do período de escravidão, os donos das terras mantiveram os afrodescendentes na lida diária da fazenda sem remuneração. De acordo com os moradores mais antigos da comunidade, os fazendeiros pressionados a pagarem suas dívidas com os ex-escravizados que permaneceram nas fazendas, realizaram doações de partes improdutivas de suas terras – terrenos mais altos, com plantação de sapé (alto ou grande) e distantes de fontes de água para uso pessoal e cuidado com a terra. Assim, fixaram-se à terra poucos negros, agora livres, que se casaram entre si, aumentando a população local, e, de forma curiosa,

mantendo-se isolados. Em 2002, época da coleta dos dados, a população da comunidade era de aproximadamente 100 habitantes, em sua maioria jovens e crianças.

Como se pode observar, as quatro comunidades selecionadas apresentam características semelhantes, serem compostas predominantemente por afrodescendentes, viverem em relativo isolamento, o que pode ser identificado pelo fato de praticarem agricultura de subsistência e realizarem casamento entre primos. Essas características podem permitir a manutenção de estratos anteriores do PB, principalmente considerando a fala dos indivíduos mais velhos. De acordo com a hipótese clássica, um indivíduo reflete a gramática de quando tinha aproximadamente 15 anos. Sendo assim, a fala da informante HV-19 de 109 anos em 1994, momento de seu depoimento ao coordenador do Projeto Vertentes, Prof. Dante Lucchesi, apresenta um estado de língua que remonta aproximadamente ao ano de 1870, quando a informante tinha 15 anos.

Para realizar a pesquisa, o *corpus* ora constituído para esse trabalho foi formado por 48 entrevistas com duração de 40 a 60 minutos, de acordo com a metodologia da Sociolinguística, sendo 12 informantes de cada comunidade, assim estratificados: (i) 03 faixas etárias: I – de 20 a 40 anos, II – de 41 a 60 anos e III – mais de 60 anos; (ii) sexo: 6 mulheres e 6 homens; (iii) escolaridade: 6 analfabetos e 6 semianalfabetos⁹.

Além dos 48 inquéritos analisados por Figueiredo (2004), a fim de recuar um pouco a mais no tempo, foram analisadas as ocorrências do PP em 04 inquéritos coletados em 1987 pelo pesquisador Alan Baxter: 2 mulheres, uma de 94 e outra de 104, e 2 homens, um de 96 e outro de 103, formando uma célula bastante homogênea no que diz respeito à faixa etária.

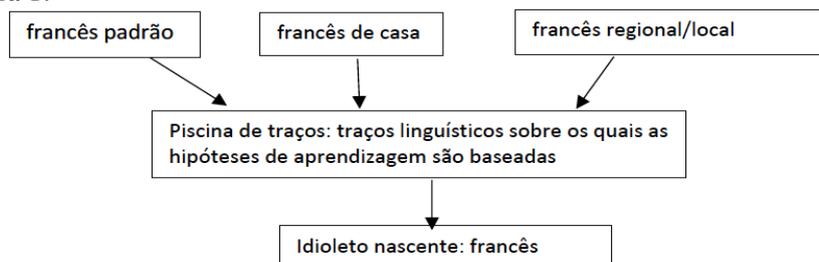
Gramáticas híbridas: o papel dos traços na mudança linguística

Neste artigo, buscando testar a hipótese de que a relevância do traço semântico de [animacidade] nos PPs remonta ao período de maior contato com línguas africanas, adotamos como pressuposto teórico a proposta ecolinguística de Mufwene (2008) e a das gramáticas híbridas de Aboh (2015). Em sua abordagem ecológica, Mufwene (2008) vê línguas como espécies e não como organismos e afirma que novas variedades surgem a partir de um processo de competição e seleção de traços durante o desenvolvimento de idioletos que cumulativamente convergem em uma Língua-E. Numa abordagem gerativista, Aboh (2015) propõe que a competição e seleção se aplica a traços linguísticos alternativos na mente do falante, que têm a ver com a marcação de parâmetros.

Aboh (2015) assume, como Mufwene, que o contato ocorre primeiro no nível dos falantes individuais, na mente do aprendiz, que vai desenvolver um idioleto específico. A seleção cumulativa de propriedades similares entre idioletos levaria, por convergência, a uma língua comum, isto é, uma língua-E. A proposta é esquematizada, a seguir, para o francês na Figura 1.

⁹ Embora o *corpus* em sua estratificação considere o sexo e a escolaridade dos informantes, não realizamos a análise quantitativa referente a essas variáveis tendo em vista que pouco contribuem para o tema discutido neste trabalho.

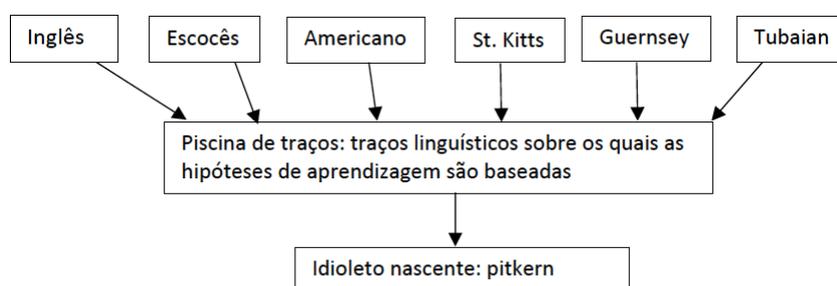
Figura 1:



Fonte: Tradução das autoras de Aboh (2015, p. 115)

Uma questão relevante para essa proposta é que a mudança é apresentada como um processo comum a qualquer língua, sem tratar línguas que surgem do contato entre diferentes povos como excepcionais. Nesse sentido, a única diferença entre um crioulo como o pitkern na Figura 2, descrito no esquema abaixo, e o francês na Figura 1, no esquema acima, é que o primeiro permite uma gama maior de variação que o último.

Figura 2:



Fonte: Tradução das autoras de Aboh (2015, p. 114)

Enquanto a gama de variação na Figura 2 envolve um conjunto de variedades do inglês e, o tipologicamente distante, tubaian, na Figura 1, há apenas variedades relacionadas do francês, notadamente, variações interdialetais entre falantes de um mesmo dialeto. O autor conclui, então, que a variação observada entre falantes/aprendizes é parcialmente determinada pela piscina de traços a qual eles foram expostos.

De acordo com Mufwene (2001: 5), o *output*, ou seja, o idioleto desenvolvido, representa uma variação na forma particular em que (combinações de) traços foram selecionados na variedade emergente. Isso significa que as novas variedades não são necessariamente diferentes da língua fonte em relação aos seus ingredientes linguísticos fundamentais (i.e., traços), mas sim em relação a que traços específicos têm sido selecionados e como eles têm sido recombinados e/ou modificados pelos aprendizes.

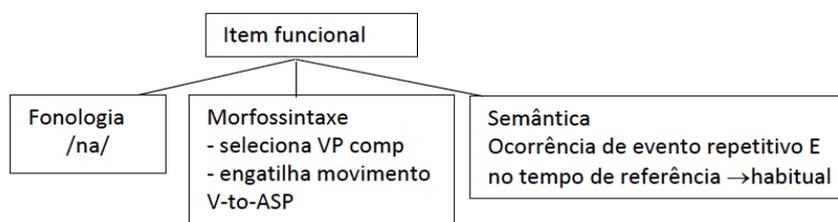
Em relação a isso, Mufwene (2001) conclui que o que torna as novas variedades reestruturadas não é somente uma combinação particular de traços selecionados, frequentemente de fontes diferentes, nas novas variedades, mas também a forma em que os traços têm sido, eles mesmos, modificados para caber nos novos sistemas. Na proposta de Aboh (2015), a aquisição da linguagem implica alguma forma de contato; esse “contato”, no entanto, aconteceria na mente dos falantes através da piscina de traços que se apresenta ao aprendiz como *input*. Por esse motivo, o *output* (idioleto) é parcialmente determinado pelo *input* na piscina de traços e por hipóteses que o aprendiz desenvolveu a partir desse *input*. Essa visão nos provê uma abordagem que nos permite investigar a variação em cada falante e entre falantes, hipóteses de aprendizagem sobre o que os falantes fazem e como seleções individuais feitas pelos falantes podem se propagar dentro de uma comunidade como parte de uma língua comum. Também nesse sentido, deve-se

assumir que uma interação estrutural entre duas L1 durante a aquisição bilíngue ou entre L1 e L2 durante a aquisição de L2 não é apenas aceita como representa o ingrediente crucial da mudança.

Partindo de ambas as propostas, tem-se que fatores ecológicos impactam a aprendizagem dependendo de a aquisição acontecer em um ambiente multilíngue ou monolíngue, de o aprendizado ser tutoriado ou não ou de a aprendizagem ocorrer cedo ou tardiamente (i.e., L1 vs L2). Enquanto fatores ecológicos são necessários para entender a aquisição bilíngue, por exemplo, eles não são capazes de explicar regras morfossintáticas subjacentes a estruturas linguísticas. É nesse sentido que Aboh (2015) argumenta que, enquanto fatores ecológicos externos permitem a competição entre duas alternativas no *input*, as regras que governam o licenciamento de propriedades morfossintáticas dessas formas são internas ao componente sintático. Em outras palavras, enquanto fatores ecológicos restringem a competição e seleção de variantes no *input*, eles não diretamente determinam como essas variantes são combinadas no componente sintático. Fatores ecológicos, dessa forma, não definem como as propriedades gramaticais variantes podem ser recombinações em um novo item lexical. Assim, o autor conclui que a recombinação de traços (morfo)sintáticos é livre (i.e. não está sujeita a fatores ecológicos externos).

Uma pergunta que podemos fazer, então, é como definir traços linguísticos. Segundo Aboh (2015), itens lexicais e funcionais são expressões de um conjunto de traços que formam um tríplex mínimo: (i) traços fonológicos, (ii) traços morfossintáticos e (iii) traços semânticos. Os traços fonológicos representam aqueles da interface com o componente fonológico e os morfossintáticos representam o conjunto de princípios (propriedades) que são requeridos para licenciamento no componente sintático, enquanto os semânticos são aqueles necessários para a interpretação.

Figura 3:



Fonte: Tradução das autoras de Aboh (2015, p. 140)

Para o autor, itens funcionais são o alvo e o impulsionador de mudanças e, conforme Borer (1984), a variação translinguística é atribuída a diferenças em traços abstratos de itens lexicais/funcionais. Nesse ponto de vista de aquisição e mudança, a descrição acima indica que a aquisição de uma gramática consiste no desenvolvimento de um algoritmo que recombina propriedades formais de itens lexicais/funcionais divergentes dentro de um sistema coerente. Como aquisição e mudança andam juntas, isso nos leva à conclusão de que, numa situação de contato, qualquer componente do tríplex pode ser afetado.

Segundo aponta Aboh (2015), é necessário entender como itens lexicais/funcionais emergem para entender o surgimento de novas gramáticas. A esse respeito, ele afirma que as interfaces desempenham um papel importante ao determinar que traços linguísticos podem ser selecionados sobre outros e como esses traços podem ser recombinações em novos conjuntos de traços que especificam um item lexical. Sua

hipótese é que, em situações de contato linguístico, categorias funcionais são afetadas diferentemente dependendo de sua semântica e condições de licenciamento (sintaxe).

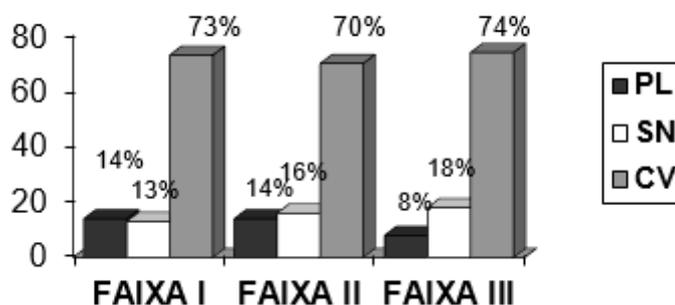
Nessa abordagem, traços como definitude, especificidade e número são visíveis na interface sintaxe-discurso. O autor argumenta que o que é comumente referido como transferência resulta da competição entre traços que pode levar a uma separação entre sintaxe e semântica. Assume-se que a língua emergente pode manter um traço F_x de uma das línguas em competição L_x e adotar sua função (ou semântica) e propriedades de licenciamento formais. Por outro lado, a língua emergente pode selecionar um F_x na base de sua função na língua L_x em competição, enquanto deixa sua sintaxe aberta. O autor se refere à primeira situação como “transmissão padrão” e à última como “transmissão de traço”. Nesse caso, conclui-se que a língua emergente precisa desenvolver uma sintaxe própria sob a pressão de duas línguas em competição e/ou baseada em princípios da Gramática Universal.

Os dados nas comunidades afro-brasileiras

De acordo com a hipótese de Figueiredo (2004), a aquisição do PP seria posterior, sendo, portanto, mais inovadora no PB afro-brasileiro do que o ON, tendo em vista a sua distribuição por faixa etária, critério que, de acordo com a Sociolinguística Variacionista, permite reconstruir a dimensão temporal a partir de dados sincrônicos. Dessa forma, é possível prever se um fenômeno linguístico está em variação estável ou em processo de mudança e até a direção da mudança.

No caso do PP, de acordo com o Gráfico 1, a seguir, verifica-se que o uso do PP (PL, no Gráfico 1) (na faixa 3 (falantes com mais de 60 anos), é menos frequente, com 8% das ocorrências, e, à medida que a idade dos falantes diminui o percentual aumenta, tanto na faixa 2 quanto na faixa 3, verificam-se 14%.

Gráfico 1 – Distribuição das variáveis segundo a faixa etária



Fonte: Figueiredo (2004)

Após realizarmos estudos sobre as línguas de substrato, considerando aspectos sócio-históricos da formação do PB e características das línguas africanas vindas para o Brasil, propusemos as hipóteses de que: (i) considerando as diversas situações de contato existentes no período de colonização devido às constantes chegadas de africanos ao Brasil e as sucessivas aquisições do português como L2, o *input* para cada aquisição poderia colocar traços diferentes em evidência levando a aquisição do PP nesse processo contínuo de multilinguismo¹⁰ e (ii) a relevância do traço [animacidade] dos PPs teria origem na saliência desse traço nas línguas do grupo Banto.

¹⁰ O que, de acordo com Lucchesi (2002), é um dos fatores que não levou ao surgimento de uma nova língua no Brasil.

A fim de testar essas hipóteses, o *corpus* de Figueiredo (2004) foi revisto e foram retirados alguns resíduos de ON que consistiam em topicalização, ou seja, o alçamento do OD para a periferia esquerda da sentença deixando vazia a posição de origem, conforme o exemplo em (7).

(7) E o feijão_i, né todo tempo que se tira _____i, (HV05)

Como se pode verificar, em (7) não há uma retomada anafórica, mas o deslocamento de um DP para a posição inicial da sentença. A categoria vazia gerada neste caso recebe o estatuto de variável, conforme a Teoria de Regência e Ligação.

Foram também excluídas ocorrências de elipse de VP, como se vê em (8).

- (8) a. os policial matô ele_i, mataro _____i (SP01)
b. DOC: E a senhora pegô **o tempo da estrada-de-ferro** aqui, num pegô?
INF: Pegô _____i sim! Eu peguei _____i, meu filho, eu peguei _____i. (HV-13)

Em (8), há identidade entre o verbo que seleciona o DP antecedente *ele* em (a) e *tempo da estrada de ferro* em (b) e o verbo que rege a lacuna na posição de objeto direto. Nos dois exemplos, a categoria vazia é licenciada por identidade verbal, um fenômeno denominado elipse de VP, que requer duas condições: (i) a raiz do núcleo do VP elidido deve ser idêntica à do verbo da sentença anterior e (ii) todos os argumentos do verbo, bem como seus adjuntos, devem estar elípticos. Sendo assim, ocorrências desse tipo foram excluídas do corpus já que não se caracterizam ON, que de acordo com Figueiredo (2009) corresponde à elipse de DP sob condição de identidade lexical, estrutural e temática e com DP antecedente.

(9) catei a fava_i, levei _____i pra casa e fui comê _____i no ôto dia. (SP-05)

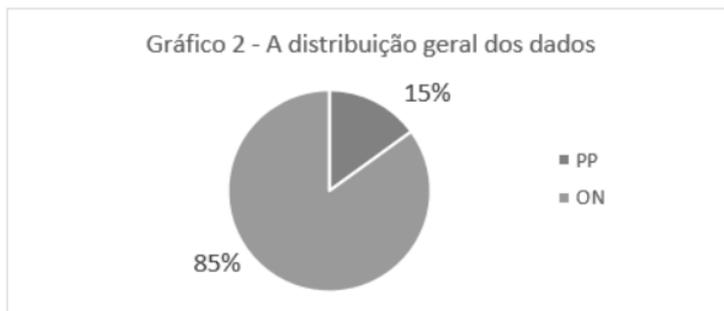
Além disso, buscando testar a hipótese em (ii), os dados referentes a antecedentes com traço [+animado] foram distribuídos entre [+humano] e [-humano], conforme os exemplos a seguir e cujos resultados podem ser vistos na Tabela 1.

- (10) a. **Esse aí** trabaia com gesso e ôto trabaia cano, né? Então a firma despensô **ele**_i (CZ06)
b. (lacraia) se **ela** mordê, gente pega, torra **ela**_i (RV01)
- (11) a. (depois do trabalho) **tal pessoa tá doente**_i, mando eu aqui tomá um (café) e levá _____i em Rio de Conta (RC09)
b. Deu quatôze quilo...**uma cabra**. Ele vendeu _____i pra uma moça (CZ12)

A decisão de distinguir os antecedentes animados em [+humano] se deu a partir da observação dos padrões de concordância nas línguas do grupo Banto. Como mencionamos, nessas línguas a concordância verbal não está restrita às categorias de pessoa e número, mas também pode ocorrer através da categoria gênero, a partir da concordância com os prefixos de classe. Como os prefixos de classe agrupam as palavras em relação às informações semânticas que carregam, como humanos, plantas, coisas pequenas, profissões etc., e ainda considerando que na grande maioria das vezes, a marca de terceira pessoa vai se referir a um humano, aventamos a hipótese de que seria esse o traço, que indissociável do traço de animacidade, teria levado à interpretação do pronome de terceira como referente [+animado].

No total, foram computadas no *corpus* principal 1458 ocorrências das duas variantes: 213 de PP e 1245 de ON. Um resultado que corrobora os resultados obtidos

nos trabalhos sobre o tema, bem como a hipótese de que ON seja a variante conservadora nas comunidades analisadas, pois teria sido essa variante adquirida inicialmente, a partir, possivelmente, da evidência de uma categoria na posição de objeto no português, resultante de elipse sentencial e de VP, objetos nulos com traços [-animado e -específico]. Os percentuais podem ser vistos no Gráfico 2, a seguir.



Fonte: As autoras

Para testar as hipóteses propostas neste trabalho, realizamos a quantificação dos dados referentes à variante PP de acordo com a variável linguística traço de animacidade do antecedente, conforme Tabela 1, e a variável social, faixa etária, o que permitirá observar o percurso dessa variante nas amostras de fala dessas comunidades que acreditamos serem de extrema relevância para a história do PB.

Tabela 1 - Distribuição dos dados quanto à animacidade do antecedente

Traço semântico	PP	ON	Total
[+animado, +humano]	130/ 43%	173/ 57%	303
[+animado, -humano]	49/25%	144/75%	193
[-animado]	34/4%	928/96%	962

Fonte: As autoras

A leitura da Tabela 1 revela que não há contexto categórico que determine a escolha de uma ou de outra variante nessas comunidades. Além disso, o ON apresenta percentuais mais altos para todos os fatores, o que pode ser uma evidência para o fato de essa variável ser considerada mais conservadora nas comunidades. Os resultados refletem os resultados obtidos nos trabalhos já mencionados no que diz respeito ao fato de que o ON favorece a retomada de antecedentes [-animado], com 96% das ocorrências e que o PP é favorecido pelo traço [+animado], mais especificamente pela combinação com o traço [+humano], com 43% dos dados, seguido pela combinação com o traço [-humano], com 25%. Por fim, a retomada de um DP [-animado] por um PP, como em (12), é desfavorecida, com apenas 4%.

(12) **o amendoim** tá bom de rancá __i, de culhê. __i, aí você ranqu'ele_i,(CZ09)

É interessante que esse uso está presente em registros escritos do século XIX, nas atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos, constituída por africanos e afrodescendentes libertos e localizada na cidade de Salvador. Figueiredo (2019), ao descrever as estratégias de ODA, nessas atas, encontra 2 ocorrências do PP retomando um antecedente [-animado, +específico], conforme os exemplos em (13). Vale ressaltar que as duas ocorrências retomam o mesmo antecedente e ocorrem na ata do mesmo secretário.

- (13) Porque **u-** / **dinheiro da Lotaria**_i ugoverno pode / lancal amaõ nelle diz elles naõ / faz acaza de azilho por tanto de / cá **elle**_i nos perdemos **elle**_i inos / requeremos ugoverno. (MAC, 1867)

Como o foco deste trabalho é o percurso do PP nas comunidades afro-brasileiras, apresentamos na Tabela 2 apenas os dados dessa variante referentes à faixa etária, visto que, para compreender fenômenos de aquisição e de difusão linguística, essa variável tem papel relevante. Na análise, a partir deste momento, serão acrescentados os dados da faixa 4 (de 85 anos a 109 anos) da Comunidade de Helvécia. Essa inclusão só foi possível tendo em vista que apenas dessa comunidade há um corpus coletado anteriormente, na década de 80, num estudo do Prof. Alan Baxter. Nosso objetivo ao acrescentar essa faixa foi obter uma amostra que nos permitisse recuar ainda mais no tempo, já que os falantes de 85 anos ou mais na década de 80 teriam adquirido a sua gramática a partir do *input* do séc. XIX.

Tabela 2 - Distribuição dos pronomes plenos por faixa etária

Traço semântico	FAIXA 1	FAIXA 2	FAIXA 3	FAIXA 4	Total
[+anim, +humano]	49 / 28%	54 / 31%	27 / 16%	43/25%	173
[+anim, - humano]	27 / 53%	18 / 35%	4 / 8%	2/4%	51
[- animado]	9 / 26%	19 / 54%	6 /17%	1/3%	35

Fonte: As autoras

A leitura da Tabela 2 evidencia que o PP é menos frequente nas faixas 3 e 4 em todos os contextos semânticos e seu percentual aumenta nas faixas 1 e 2, demonstrando um padrão aquisicional do PP nessas comunidades. O PP foi inicialmente adquirido dentre os mais velhos e difundiu-se nas gerações seguintes. É interessante verificar que nas faixas 3 e 4 predomina o uso do PP para retomar DPs [+animado, +humano].

Ao analisar o comportamento de cada faixa etária, podemos inferir que a nossa hipótese dos efeitos do contato com as línguas do grupo banto parece ser corroborada. Na faixa 4, o PP retoma predominantemente antecedente [+animado, +humano], 94% das 46 ocorrências encontradas no *corpus*, fornecendo evidências desse uso para as gerações seguintes. Na faixa 3, aquela que, segundo Figueiredo (2004) demonstra o caráter inovador dessa variante nas comunidades, apresenta um total 37 ocorrências e passa, na faixa 2, a 91 e na faixa 1, a 85. Comparando as faixas 1 e 4, verifica-se um aumento de 89% e de 139% se compararmos a faixa 1 à faixa 3.

Esses resultados são relevantes para pressupormos que o percurso que o PP está realizando em sua difusão nas comunidades analisadas pode lançar luz à história do PB e que apresenta uma hierarquia em seu processo de aquisição, conforme em (14).

$$(14) [+animado, +humano] > [+animado, -humano] > [-animado]$$

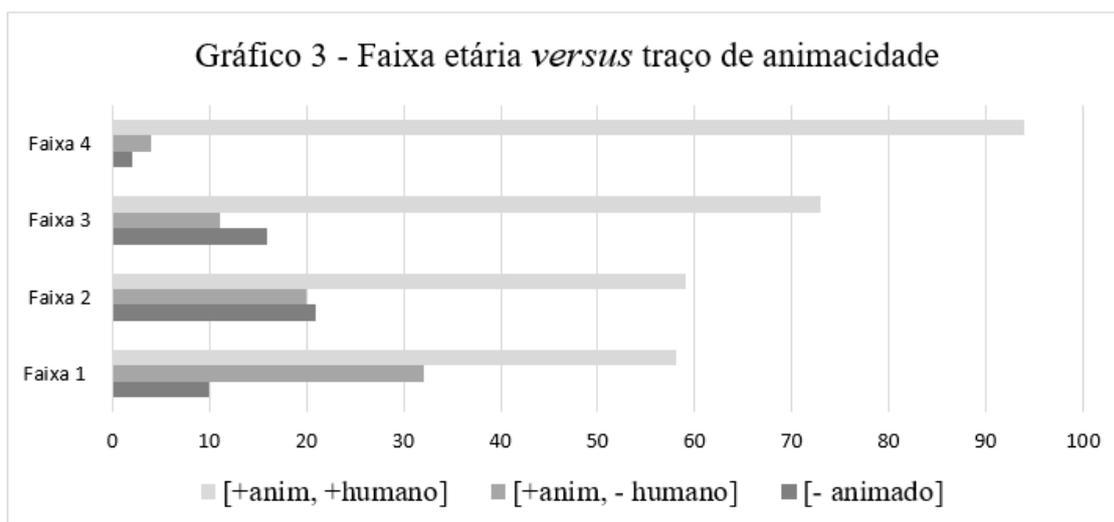
De acordo com essa hierarquia, a aquisição do PP se deu inicialmente retomando antecedente [+animado, +humano], ampliando-se para [+animado, -humano] e, posteriormente para [-animado].

Focalizando as faixas etárias separadamente em relação aos traços semânticos, os resultados são bastante interessantes, pois revelam que, na faixa 4, o traço [+animado, +humano] é quase categórico na escolha pelo PP, com 94%. Na faixa 3, esses traços levam a um percentual alto dessa variante, 72%, permitindo inferir que esse seja o contexto em que o pronome *ele* e suas flexões tenham se gramaticalizado passando a exercer a função de objeto direto, tendo em vista, que na seleção e competição dos traços,

assumindo a proposta de Mufwene (2008) e Aboh (2015), o traço de [+humano] e consequentemente [+animado] contido na partícula de concordância das línguas do grupo banto tenham sido mais evidentes. Os 28% restantes das ocorrências apresentam percentuais pouco significativos. Porém, chama a atenção o fato de a retomada de antecedente [-animado] ser mais representativa, com 16%, enquanto a retomada de um DP com os traços [+animado, -humano] ser quatro pontos percentuais mais baixo. Esperava-se, ao contrário do que os resultados apontam, que o traço de animacidade fosse mais evidente para a seleção do PP, portanto mesmo combinado como traço [-humano], a frequência fosse superior à retomada de DPs com traço [animado].

Observando a faixa 2, a combinação dos traços [+animado, +humano] é mais frequente, com 59%, porém verifica-se uma ampliação dos demais contextos, que apresentam percentuais bem próximos, 20% e 21%, dos dados de [+animado, -humano] e [-animado], respectivamente.

Por fim, na faixa 1, a combinação [+animado, +humano] apresenta o mesmo comportamento que nas demais faixas etárias, com 58%. Porém, amplia significativamente a retomada de DPs com os traços [+animado, -humano], com 32%, consequentemente, há um decréscimo na frequência do terceiro grupo, com apenas 10%. O Gráfico 3, a seguir, permite-nos visualizar o comportamento do PP considerando as faixas etárias bem como o traço semântico do antecedente.



Fonte: As autoras

Observando o Gráfico 3, podemos inferir dois comportamentos bem definidos quanto ao percurso do PP:

- (i) sua entrada no PB se deu a partir do contexto [+animado, +humano] da faixa 4 para a faixa 1;
- (ii) o uso do PP amplia para a retomada de DPs [+animado, -humano], considerando o padrão ascendente da faixa 4 para a faixa 1 (4%, 11%, 20%, 32%, respectivamente).

Esse comportamento parece comprovar nossa hipótese do papel das línguas do grupo banto na implementação da forma inovadora, já que na faixa etária dos mais velhos o traço [+humano], que é indissociável do traço [+animado], não apenas está presente como corresponde a imensa maioria dos dados.

O resultado encontra respaldo ainda em estudos sobre a marcação de objeto nas línguas banto. De acordo com Van der Wal (2017), a marcação de objeto nessas línguas

pode se dar com redobro ou não. No caso de não-redobro, o objeto pode ser um DP pleno ou uma marca de objeto, um pronome, mas nunca os dois. Se, por outro lado, o marcador de objeto for um morfema de concordância no verbo, ele pode coocorrer com o DP pleno. Segundo a autora, a marcação de objeto pode ser simétrica, se o objeto de ditransitivas se comporta da mesma forma que das transitivas, ou assimétricas, se o apenas o objeto mais alto (benefactivo, destinatário) puder ser marcado. Para Van der Wal (2017), na duplicação da marca de objeto, a presença de um traço de pessoa é uma projeção separada e saliente nos DPs e a simetria é a sensibilidade dos núcleos funcionais baixos a Pessoa.

Voltando para nosso fenômeno, temos que o traço de pessoa é relevante e saliente para a marcação de objeto nessas línguas, assim como o traço [+humano], que está presente universalmente na distinção de classe das línguas do grupo. Assim, é possível que, na aquisição do português como L2 pelos africanos, o traço [+humano] tenha se incorporado ao pronome pessoal, que entraria na posição de objeto para complementar o sistema de marcação de objeto que distingue entre [+humano]. Nos períodos seguintes de aquisição, o traço relevante passaria a animacidade, permitindo assim o uso mais amplo do PP na função de ODA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, aventamos a hipótese de que a relevância do traço [+animado] na marcação do objeto direto anafórico no PB tenha origem no contato, uma vez que as marcas de pessoa e gênero são salientes nas línguas do grupo banto e, em especial, para a concordância e para a marcação de objeto. Assim, avaliamos que traços semânticos os referentes de PPs em contexto de objeto direto anafórico apresentavam no português rural afro-brasileiro. Selecionamos não apenas o traço de animacidade, mas também o traço humano, dada sua relevância na distinção de classes e na interpretação dos pronomes pessoais. Nossos resultados mostraram uma hierarquia no processo de aquisição envolvendo o traço humano: [+animado, +humano] > [+animado, -humano] > [-animado], já que há um uso quase categórico de PPs [+animados, +humanos] entre os mais velhos e um declínio subsequente do traço humano, tornando o traço [+animado] o mais relevante entre as populações mais jovens. Ao que os dados parecem indicar a saliência do traço de animacidade na marcação do ODA pode ter sim origem num rearranjo de traços no sistema da língua que emergiu num contexto de contato.

REFERÊNCIAS

- ABOH, E. O. *The Emergence of Hybrid Grammars: Language Contact and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- ARRUDA, N. C. *A realização do objeto direto no português brasileiro culto falado: um estudo sincrônico*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UNESP, Araraquara-SP, 2006.
- BORER, H. *Parametric Syntax: Case Studies in Semitic and Romance Languages*. [s.l.] De Gruyter Mouton, 2014.
- CHATELAIN, H. *Grammatica elementar do kimbundu ou língua de Angola*. Genebra: Typ. De Charles Schuchardt. 1888-1889.
- CREUS, S.; MENUZZI, S. Sobre o papel do gênero semântico na alternância entre objetos nulos e pronomes plenos em português brasileiro. *Revista da ABRALIN, Florianópolis*, v. 3, n. 1-2, p. 149-176, 2004.
- CYRINO, S. M. L. Observações sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: Objetos Nulo e Clíticos. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1993.

- CYRINO, S. M. L. *O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: UEL, 1997.
- CYRINO, S. M. L. Reflexões sobre a marcação morfológica do objeto direto por a em português brasileiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, no. 58, Número Especial, 2017. p. 83-103
- DUARTE, M. E. L. *Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. 1986. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1986.
- FIGUEIREDO, C.; TEIXEIRA DE SOUSA, L.; LEAO, A. Q. “Raspa a mandioca, depois rela ø, bota ela na prensa e faz farinha” Objeto nulo e pronome pleno na realização do objeto direto anafórico no português popular de Salvador. In: BARROS, I. J. F.; CARNEIRO, J. C.; PARANHOS, R. A.; ASSIS, T. S. C. (Org.). *O português baiano: de norte a sul, de leste a oeste*. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 71-90. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35316>>
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. O objeto direto anafórico. In: Charlotte Galves; Tânia Lobo. (Org.). *O português escrito por afro-brasileiros no século XIX: as atas da Sociedade Protetora do Desvalidos*. Ied.Salvador: EDUFBA, 2019, v., p. 175-216.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *O objeto nulo no português rural baiano: teoria temática e eclipse de DP*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- LABOV, W.; MARINAS HERRERAS, J. M.; LABOV, W. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.
- LUCCHESI, D. *A Variação na Concordância de Gênero em uma Comunidade de Fala Afro-brasileira: Novos Elementos sobre a Formação do Português Popular do Brasil*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- LUCCHESI, D. O português se teria crioulezado no Brasil? – refletindo sobre uma velha questão. *APB*. v.1. Frankfurt, 2002. p.25-41
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A.; FIGUEIREDO, C. O português afro-brasileiro: as comunidades de fala analisadas. In: LUCCHESI; Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 75-100.
- MACEDO-COSTA, T. *Um estudo diacrônico das variadas realizações do objeto direto anafórico na imprensa baiana dos séculos XIX e XX*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- MUFWENE, S. S. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MUFWENE, S. S. *Language evolution: contact, competition and change*. London; New York: Continuum, 2008.
- OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.
- OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 147-185, 2018.
- OTHERO, G. A. et al. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em pb: uma análise em corpora escritos com características de fala. In: *Revista da Anpoll*, v. 1, nº 45, p. 68-89, Florianópolis, Maio/Ago, 2018.
- RAMOS, J. *Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- RAPOSO, E. On the null object in european portuguese. In: JAEGGLI, O; SILVA-CORVALAN, C. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht-Holland/Riverton: Foris publications, 1986.
- SILVA, J. A. A. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do estado da Bahia*. 2003. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- VAN DER WAL, J. The AWSOM correlation in comparative Bantu object marking. *Zenodo*, 2019.

Recebido: 31/1/2022
 Aceito: 20/4/2022
 Publicado: 30/01/2023